



## AS MÚLTIPLAS ESTRATÉGIAS TERRITORIAIS DA COMUNIDADE LGBTQIA+: O MEDO E O RE-EXISTIR NO ESPAÇO URBANO DO MUNICÍPIO DE PELOTAS/RS

Pedro de Moura Alves<sup>1</sup>  
Tiaraju Salini Duarte<sup>2</sup>

### RESUMO

A cidade não é um ente separado da sociedade que a produz, sendo resultado dos diferentes agentes e discursos, manifestando as suas contradições e conflitos em que há o (de)encontro entre tantas vozes e narrativas. Frente ao cotidiano urbano e suas diferentes circunscrições é que a presente pesquisa constrói seu objetivo geral que busca analisar as múltiplas estratégias territoriais construídas pela comunidade LGBTQIA+ para re(existir) na cidade de Pelotas/RS, buscando compreender como o discurso de medo e sua materialização influenciam na performatividade e formas de interação desses corpos com o espaço urbano. Para a aplicação do mesmo, foi utilizada a plataforma *Google Forms* e a sua divulgação foi por meio da rede social *Facebook* e *Whatsapp* através da escolha de grupos focais, totalizando 196 respostas, sendo analisados a partir da teoria da Análise do Discurso (AD). O artigo busca compreender como são produzidos discursos que buscam legitimar a posse não somente de recortes do espaço urbano, mas também sobre os corpos LGBTQIA+ e as práticas de resistência e estratégias dessas comunidades para ocupar o urbano constituindo as territorialidades de resistência.

**Palavras-chave:** lgbtqia+, espaço urbano, performatividade, discurso

### RESUMEN

La ciudad no es un ente separado de la sociedad que la produce, siendo el resultado de diferentes agentes y discursos, expresando sus contradicciones y conflictos en que hay un encuentro entre tantas voces y narrativas. Ante la cotidianidad urbana y sus diferentes circunstancias, esta investigación construye su objetivo general, que busca analizar las múltiples estrategias territoriales construidas por la comunidad LGBTQIA+ para re (existir) en la ciudad de Pelotas / RS, buscando comprender cómo la El discurso del miedo y su materialización

<sup>1</sup> Mestrando em Geografia Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, mooura@live.com; O presente artigo apresenta resultados preliminares do projeto de mestrado intitulado "O medo e o (re)existir no espaço urbano: as múltiplas estratégias territoriais produzidas pela comunidade LGBTQIA+ para viver à cidade de Pelotas/RS" realizado no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pelotas.

<sup>2</sup> Doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo. Docente do departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pelotas. Orientador do Trabalho. e-mail: tiaraju.ufpel@gmail.com



influyen en la performatividad y las formas de interacción de estos cuerpos con el espacio urbano. Para su aplicación se utilizó la plataforma Google Forms y su difusión fue a través de la red social Facebook y Whatsapp a través de la elección de grupos focales, totalizando 196 respuestas, siendo analizadas desde la teoría del Análisis del Discurso (DA). El artículo busca comprender cómo se producen discursos que buscan legitimar la posesión no solo de tramos del espacio urbano, sino también sobre los cuerpos LGBTQIA + y las prácticas de resistencia y estrategias de estas comunidades para ocupar lo urbano, constituyendo las territorialidades de resistencia.

**Palabras clave:** lgbtqia. espacio urbano, performatividad, discurso

## INTRODUÇÃO

O espaço urbano é palco de intensos conflitos sociais, os quais derivam diretamente de discursos inscritos nos mais diversos corpos. Conforme Foucault (2006, p. 235) os discursos são estruturados por um "conjunto de regras de produção da verdade", objetivando constituir princípios aceitáveis de comportamento.

Neste contexto os discursivo produzem uma lógica exclusiva no espaço urbano em que a populações gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais, queers, intersexuais, assexuais e as demais intersecções que compõem as comunidades LGBTQIA+ foram e são alvos de discriminação e violência em diferentes recortes no processo de viver a/na cidade. Logo essa população se caracteriza por uma constante vulnerabilidade, alvo de inúmeras violações de direitos humanos pelo mundo todo.

Em 2018, o Grupo Gay da Bahia (GGB) registra que 420 pessoas LGBTQIA+ foram mortas violentamente no Brasil, demonstrando também que a cada 20 horas ocorrem assassinatos de indivíduos dessas comunidades, sendo um dos países com um dos maiores registros de crimes letais contra essas populações, seguido pelo México e Estados Unidos. No Brasil, ao longo dos últimos anos, verifica-se situações de violência e discriminação contra a população LGBTQIA+ estão ocorrendo com maior expressividade conforme a Comissão Interamericana de Direitos Humanos sobre o tema (CIDH, 2015).

Através das discussões que abarca sobre o espaço urbano é que foi estruturado o objetivo geral do presente artigo, o qual busca analisar as múltiplas estratégias territoriais construídas pela comunidade LGBTQIA+ para re(existir) na cidade de Pelotas/RS, buscando compreender como determinados discursos ocasionam medo a



essas populações e materializam-se em práticas de violências que influenciam nas formas de interação com o espaço urbano

## **METODOLOGIA**

A presente pesquisa, em termos metodológicos, estrutura-se em etapas: a primeira foi pautada na revisão bibliográfica utilizando autores como Lefebvre (2001), Corrêa (2005) para abordar sobre o espaço urbano, Foucault (1988, 2004, 2008, 2009) para tratar sobre poder e discurso, Butler (2015) remetendo a performatividade e Haesbaert (2004) discorrendo sobre o conceito de território. Em um segundo momento para a elaboração do instrumento de coleta de dados foi utilizado um questionário estruturado misto com a combinação de perguntas dissertativas e objetivas, realizado através de um formulário na plataforma *Google Forms*. A escolha desse instrumento de coleta de dados ocorreu devido ao momento pandêmico de Covid-19 que impossibilitou a realização de entrevistas.

O questionário ocorreu de forma anônima de forma que possibilitasse analisar as narrativas e perspectivas do medo e violências das populações LGBTQIA+ no espaço urbano na cidade de Pelotas/RS. Durante a elaboração desse questionário, foi pensado em uma sequência de perguntas que evidenciam o perfil dos respondentes com dados básicos de referência como a identificação do gênero, sexualidade e idade. Em seguida as perguntas adentraram aos temas específicos e que dão base ao trabalho, buscando compreender sobre o medo e violência.

Como meio de divulgação foi utilizado as redes sociais como *Facebook* através da escolha de grupos focais tendo como critério a presença de pessoas LGBTQIA+ que residissem na cidade de Pelotas/RS, totalizando um número de 196 respostas.

Para analisar as respostas foi utilizado como metodologia Análise do Discurso (AD) sendo constituindo enquanto uma metodologia de leitura de texto que tem como objeto de estudo o discurso, possuindo instrumentos teóricos e metodológicos que permitem ao analista incorporar as condições históricas e ideológicas em que determinado discurso foi produzido. Conforme (GREGOLIN 1995, p.13) AD dedica-se não somente a entender e explicar como se constrói o sentido de um texto, mas também como este se articula com a história e a sociedade que o produziu. O



discurso é um objeto, ao mesmo tempo, linguístico e temporal, necessitando da análise desses dois elementos simultaneamente

## REFERENCIAL TEÓRICO

A cidade não é um ente separado da sociedade que a produz, sendo resultado dos diferentes corpos e construções discursivas, manifestando assim suas contradições e conflitos através do (de) encontro de diferentes corpos e narrativas. Segundo o autor Henri Lefebvre (2001, p. 62) a cidade é “a projeção da sociedade sobre um local, não apenas sobre o local sensível, mas também sobre o plano específico percebido e concebido pelo pensamento”. Logo a cidade é vista como um fenômeno dinâmico em que há a permanente re(construção) para além de sua materialidade. Para autora como Corrêa (2001,p.145),

O espaço urbano, visto enquanto objetivação geográfica do estudo da cidade, apresenta, simultaneamente, várias características que interessam ao geógrafo. É fragmentado e articulado, reflexo e condição social, e campo simbólico e de lutas. O espaço urbano pode ser assim submetido a diferentes análises pelos geógrafos, cada uma delas privilegiando uma das características acima apontadas sem, contudo, excluir as demais. Evidencia-se a riqueza de abordagens com que o espaço urbano pode ser considerado.

Com base nisso a dimensão urbana promove a coexistência das diferentes formas de ações e recepções, que influenciam nas práticas de inclusões e/ ou exclusões no urbano. Ao se referir o termo “campo simbólico e de luta” a autora não está abordando somente a questões sobre luta de classes; mas exprimindo uma sucessão de relações e poderes que se apresentam no urbano

Durante anos a sociedade tem como critério hegemônico uma cisgeneridade e heteronormatividade constituindo enquanto uma “norma” discursiva que resulta na produção de diferentes modalidades de preconceitos, opressão e conseqüentemente na imposição e invisibilidade das práticas de pessoas com sexualidade e gêneros que diferem de uma cisheteronormatividade.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Cisheteronormatividade: é compreendido com uma aproximação do conceito de heteronormatividade em que esse aparelho constituindo enquanto uma forma de regulação da vida que articula uma linha de “coerência” e fixa entre corpo, o gênero e a sexualidade” (DORNELLES e POCAHY, 2010). O conceito faz referência a um conjunto de relações de



Logo, mesmo que o viver no espaço urbano seja permeado pelo o encontro de diferentes identidades que atuam na sua construção, esse também se constitui enquanto um espaço de disputa por inúmeros discursos passam a definir, determinar funções e formas de comportamento hegemônicos que manifestam-se no espaço urbano. Os discursos de um aparelho cisheteronormativo procura construir no espaço urbano linearidade que suprime todos as condutas e corpos considerados dissensos, ou seja, aqueles que não seguem o padrão social pré-estabelecido e admitido socialmente, sendo um deles as populações LGBTQIA+.

O discurso se constitui por “um conjunto de regras anônimas, históricas sempre determinadas no tempo espaço, que definem em uma dada época, e para uma área social, econômica, geográfica, ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 2009, p.133). Em certos momentos os sujeitos são atravessados por sua memória discursiva, isto é, por informações já ditas, produzindo sentidos a partir de normas sociais que se refletem em suas performatividades e na (re)produção do espaço urbano.

Para Foucault (1988) há uma constante busca da verdade através da produção dos discursos, em que esses são produzidos a partir dos diferentes mecanismos que buscam dominar e legitimar determinadas relações de poder. Podemos conceber os discursos como um dos atos também para disciplinar o corpo, “estes métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade, são o que podemos chamar de disciplinas” (FOUCAULT, 1988, p. 135). Ainda segundo o autor supracitado, a disciplina são os métodos que controlam o corpo sujeitando suas forças e o deixando docilizado, fazendo dele uma potencialidade sempre possível a ser moldada, fabricando uma série de indivíduos com o mesmo comportamento desejável (FOUCAULT, 2004).

As práticas disciplinares garantem a segregação entre os desejáveis e os indesejáveis, entre os garantidos como “ normais e os anormais” (FOUCAULT, 1988),

---

poder que normaliza, regulamenta e institucionaliza o gênero, sexo e as sexualidade em uma linha restrita, horizontal impondo uma sexualidade heterossexual e gênero cisgênero. O prefixo "cis" faz referência a cisgêneridade esperada pela norma, algo que gera o alto índice de mortes de pessoas trans e travestis no Brasil.



a partir desse paradigma os indivíduos são comparados, hierarquizados, homogeneizados e, caso não se enquadrem nesse processo são excluídos ou passíveis de punição, segregação e até mesmo morte dos corpos que podem ser dispensáveis por serem uma “ameaça social”. (FOUCAULT, 2001) A análise dos procedimentos discursivos considera os modos de interdição e de controle que vigiam a descontinuidade, a pluralidade e a performatividade de determinados corpos dentro no espaço urbano, em que determinados indivíduos são considerados “inapropriados” como por exemplo a população LGBTQIA+.

Como aponta Foucault (2004), outra manifestação que participa como suporte para a configuração da sociedade normalizada é representada pelo fenômeno de urbanização e, nesse processo, há necessidade de constituir a cidade como uma unidade, de organizar-se um “corpo urbano” de modo homogêneo e regulamentado. Logo, existem várias razões para a unificação do poder urbano, por questões econômicas e políticas, delineadas pelo fato da cidade passar a ser um local do mercado e da produção, será investido mecanismos de regulação disciplinares do comportamentos por concentrar um número maior de pessoas.

Assim, edificam-se uma série de mecanismos e práticas para a construção de sistema de vigilância da população o espaço urbano com da separação da cidade em bairros, medicalização da cidade em que “há cidades porque há polícia, e é porque há cidades tão perfeitamente policiadas que se teve a idéia de transferir a polícia para a escala geral do reino. [...] policial e urbanizar é a mesma coisa” (FOUCAULT, 2004, p.453). Nesse sentido há uma série de técnicas com o objetivo de vigiar através dos policiais, psiquiatras, sanitaristas que implicam na distribuição dos indivíduos no espaço, organizando-os e aos lugares, de forma funcional e hierárquica. Em nome da “saúde e do bem estar” da população é desmontada a estrutura urbana que até então se constituía basicamente de vias estreitas, especialmente nas áreas centrais. passando para um urbanismo pautado principalmente pela circulação de pessoas de modo que evitasse a concentrações de indivíduos e seus possíveis perigos:

“[...] não mais estabelecer e demarcar o território, mas deixar as circulações se fazerem, controlar as circulações, separar as boas das ruins, fazer que as coisas se mexam, se desloquem sem cessar, que as coisas vão perpetuamente



de um ponto a outro, mas de uma maneira tal que os perigos inerentes a essa circulação sejam anulados.” (FOUCAULT, 2008, p.85).

Esses planejamentos surgem diante dos “problemas” advindos com a urbanização, como forma de responder a questões sobre o que deve ser da ordem de uma sociedade e cidade, tendo em vista as exigências de manutenção de determinadas normatizações e evitar as epidemia, as revoltas e fomentar uma vida familiar conveniente e conforme à moral. (FOUCAULT, 2004). Dentro desta análise, podemos entender que se produz nas cidades discursos responsáveis por atribuir determinadas performatividades de gênero, culminando na construção de “territórios do medo” construindo um modelo de ocupação/convívio urbano em que determinados personagens são indesejados.

Para Butler (2007) a performatividade é abordada como sendo normas socialmente construídas que se impõem às pessoas e são incorporadas por elas em atos repetitivos no cotidiano a partir de uma série de atos, gestos, estilizações corporais e discursos. Assim, o gênero “[...] é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência e uma naturalização dessas práticas” (BUTLER, 2015, p. 69).

Dentro desta discussão, podemos compreender que se produz nas cidades discursos responsáveis por reforçar determinadas performatividades de gênero (BUTLER, 2007) em que há a construção dos territórios do medo. Estes são representados por uma lógica de organização da cidade em que é edificado uma moralidade que impede determinados corpos de ocuparem certos locais na cidade por não seguirem uma norma de gênero e sexualidade idealizada socialmente.

Construindo uma possível ponte, o território, portanto, é um espaço delimitado por e a partir destas relações de poder. Conforme Haesbaert:

o território, imerso em relações de dominação e/ou de apropriação sociedade-espço, desdobra-se ao longo de um continuum que vai da dominação político-econômica mais “concreta” e “funcional” à apropriação mais subjetiva e/ou “cultural-simbólica” (HAESBAERT, 2004, p. 95-96).



Para Haesbaert (2004), todo território ao mesmo tempo possui diferentes combinações, funcional e simbólico, em que exercemos domínio sobre o espaço tanto para produzir “funções” mas também, “significados”. O primeiro aspecto sobre as territorializações do medo surgem a partir do seu atravessamento sobre os sujeitos tencionando sobre a escala do corpo. Para Guinand (2015, p. 14), “(...) o medo tem, sim, traduções corporais; modifica as práticas, os movimentos ou mesmo as interações dos moradores da cidades (...)”, o medo como um sentimento que mediatiza as relações dos sujeitos com seus locais de vivência cotidiana, fazendo com que determinados corpos tenham certas maneiras de se portar e se relacionar com a cidade

O segundo enfoque como consequência das territorializações do medo, provém de sua mediação sobre as ações dos sujeitos, em que estes buscam a atenuação deste sentimento através das “práticas espaciais de evitamento” se constituindo em ações que possuem como dinâmica espacial de evitar determinados locais que possibilitem o contato com o perigo (SOUZA, 2013).

A malha urbana em sua materialidade é a mesma para todos, mas a atribuição de significados se (re)constroem a partir da vivência desses corpos ao percorrer ou deixar de trilhar determinados locais. Um dos rebatimentos espaciais que mais ocorrem dentro desta dinâmica é a alteração nos percursos e o evitamento de determinados espaços tendo como fundamento a segurança/insegurança, em que trajetos considerados inseguros ou que apresentam algum tipo de perigo são vistos como ameaçadores e são evitados. Através dos relatos a seguir, poderemos observar que o medo faz parte do cotidiano das comunidades LGBTQIA+ em que esses grupos precisam constantemente pensar nos trajetos que realizam dentro do espaço urbano em decorrência de possíveis violência(s) alterando o cotidiano e as dinâmicas espaciais destas(es) atores (de)limitando seus caminhos pelo urbano.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Buscamos compreender as múltiplas estratégias territoriais de produção do medo e (re)existência no espaço urbano tendo como campo empírico a cidade de Pelotas, localizado no sul do Brasil, no estado do Rio Grande do Sul. Essa conta com

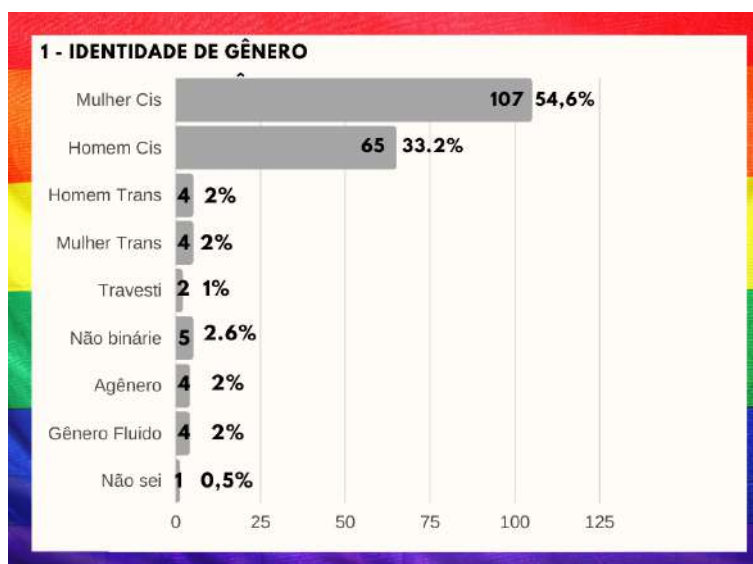




uma população estimada em 2020 de 343.132 habitantes, de acordo com dados oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em que 95% da sua população reside na área urbana (IBGE, 2010)

As primeiras perguntas elaboradas no questionário buscavam saber as respectivas identidades de gêneros dos participantes, através da figura 1 podemos ver que a maioria do público consistia em mulheres cisgêneras com 107 participante, seguidamente de homens cisgêneros com 65 pessoas, 5 respondentes não binaries, 4 homens transexuais, 4 mulheres transexuais, 4 participantes agêneros, 4 pessoas gênero fluide, 2 travestis e 1 pessoa que não sabe sua identidade de gênero.

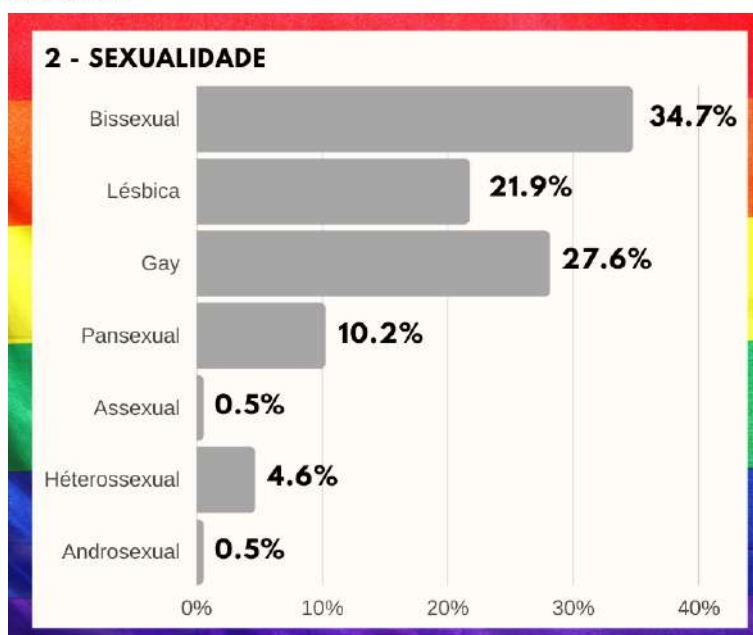
Figura 1 - Identidade de Gênero



Fonte: Alves (2021)

Em relação à sexualidade podemos analisar através da figura 2 em que maioria consistiu em pessoas bissexuais com 34.7% dos participantes, gays 27.6%, lésbicas 21.9%, pansexuais 10.2%, heterossexuais 4.6%, assexual 0,5% e androsssexual com 0,5%.

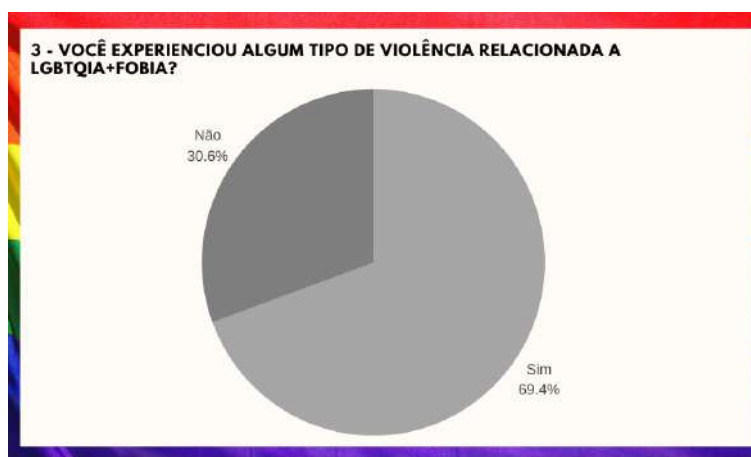
Figura 2 - Sexualidade



fonte: ALVES (2021)

Através do questionário um total de 69,4% dos LGBTQIA+ pelotenses já experienciaram algum tipo de violência LGBTQIA+fóbica, se constituindo enquanto uma população alvo de constante discriminação e vulnerabilidade (Conforme a figura 3).

Figura 3 - Você já experienciou algum tipo de violência relacionada a LGBTQIA+fobia?



fonte: ALVES (2021)

Outra questão levantada no formulário versava compreender qual é/ou quais



tipos de violência(s) os respondentes já tinham experienciado, em que através da Figura 4 destaca-se principalmente a agressão psicológica com 122 casos (89.7%), o assédio moral, segundo mais registrado, totalizando 79 casos (58.8%), em seguida agressões de cunho físico registrando 32 casos (23.5%), violência sexual com 16 casos (11.8%), e outra agressão apontada pelo formulário foi a de “violência familiar velada em que a pessoa relata que “sofia a violência por alguns membros da minha família enquanto o resto normalizou e disse que era histeria”. Dessa forma, podemos compreender a violência "velada" através de uma série de comentários preconceituosos compõe parte efetiva de um discurso heteronormativo que atravessa e marca os corpos LGBTQIA+, produzindo um constante sentimento de medo e insegurança fora e dentro do ambiente familiar.

Na figura 4 é necessário levar em consideração que as violências registradas podem ter ocorrido de forma concomitante, visto que era possível selecionar mais de uma opção ou escrever alguma opção que não estivesse na lista.

Figura 4 - Você já experienciou algum tipo de violência relacionada a LGBTQIA+fobia?



fonte: ALVES, Pedro Moura

Em que a partir de suas respostas é possível analisar diferentes formas de LGBTfobia. A violência LGBTfobica pode ocorrer de diferentes formatos e por ser um ato de violência propriamente dito não necessariamente ocorre somente como

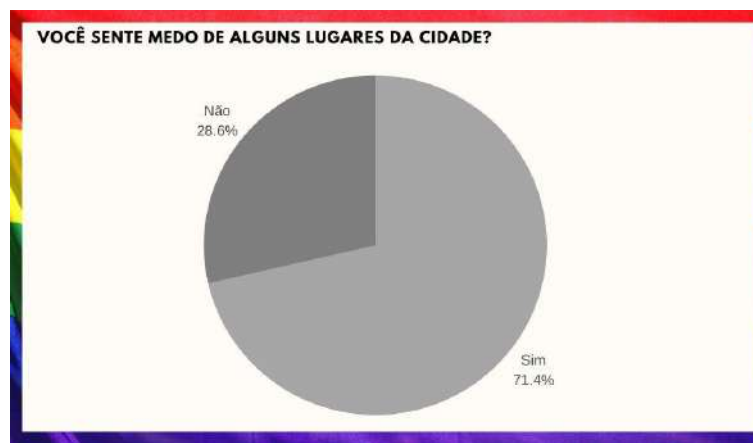


agressão física, podendo se manifestar de forma verbal, física, moral, psicológica, sexual, que estão em um espectro que abrange desde humilhações até assassinatos. Segundo a Organização das Nações Unidas no Brasil:

Atos de violência homofóbica e transfóbica têm sido relatados em todas as regiões do planeta. Vão da intimidação psicológica até a agressão física, tortura, sequestros e assassinatos seletivos. A violência sexual também tem sido amplamente divulgada, inclusive a chamada violência “corretiva” ou estupro “punitivo”, no qual homens estupram mulheres que assumiram ser lésbicas, sob o pretexto de tentar “curar” suas vítimas da homossexualidade. (ONU, 2013, p.1).

Para compreender sobre o medo foi elaborada uma pergunta abordando se sentem ou já sentiram medo de alguns lugares da cidade, os quais pela figura 5 demonstram que 71.4.% desses grupos apresentam temor de determinados locais da cidade.

Figura 5 - Você já experienciou algum tipo de violência relacionada a LGBTQIA+fobia?



Organização: ALVES (2021)

Ao perguntarmos quais seriam os lugares em que sentiam-se inseguros no urbano, trazemos a fala das dos respondentes em que abordam:

Respondente A: “Acho que não tenho um lugar específico, mas não me sinto 100% segura fora de casa fico controlando horários para poder voltar mais cedo ou cálculo rotas onde sei que têm mais pessoas a vista caso aconteça algo”. (mulher-cis, bissexual de idade entre 21-25 anos)



Respondente B “Bares, ruas com menos iluminação e locais heterotop”  
(mulher-cis lésbica com idade entre 21-25 anos);

Respondente C “lugar com grupos de homens cisheterossexuais”(travesti heterossexual com idade entre 21-25).

Respondente D “ruas mais escuras da cidade, festas com maior público cis/hetero” (Homem Trans, Heterossexual, 21-25 anos)

Respondente: E: “medo de lugares com o publico majoritariamente cishet”  
(Não binária, Pansexual, 26-30 idade)

Respondente F: “Um dos meus maiores medos é de estar demonstrando carinho em público e sofrer violência por isso. “ (Mulher Cis, Bissexual 21-25 anos)

Respondente G: “Lugares que tenham grupo de homens juntos como, botecos, praças, escola, etc... (Homem Cis, Bissexual, 18-20 anos)

Respondente H: Nenhum lugar em específico, embora já tenha sofrido violência em diferentes pontos do Centro e Porto. Moro nessa região e pouco saio dela mas tenho medo de bares heteros (Agênero, Androssexual 21-25 anos)

A partir dos relatos dos respondentes é possível perceber uma recorrência de ocasiões em suas falas em que o urbano é um ambiente hostil a esses grupos. A partir da narrativa da respondente A é levantado sobre a necessidade de pensar seus trajetos e analisar as rotas para se sentir mais segura, havendo uma série de movimentações e adaptações cotidianas para autoproteção, Logo podemos pensar sobre regulamentos sociais explícitos e implícitos que estão relacionados às questões de gênero, sexualidade que definem qual corpo pode, ou não, estar em determinada rua e em determinados horários.

Além disso, respondentes abordam sobre o desconforto em espaços que existam a predominância de homens cisheterossexuais e ruas escuras, impedindo o acesso a um direito básico, o de circular e ocupar livremente a cidade. As pontuações que envolvem a questão urbana para LGBTQIA+ conferem também a falta de infraestrutura, a mobilidade e à própria configuração espacial para a sensação de segurança, em que esses grupos são desconsiderados no desenho do tecido da cidade,



dado que, por muitas vezes, esse traçado é planejado em cima da perspectiva de indivíduos que não vivenciam essas questões.

A partir das narrativas sobre é abordado sobre o ato de demonstrar publicamente sentimentos amorosos em que esses grupos são interdito de qualquer manifestação de afetos publicamente.

Para a população com identidade de gênero cisgênera e sexualidade heterossexual, a prática de andar de mãos ou beijar a companheira(o), ficante, namorado(a) é algo comum publicamente; mas para os atores dessas comunidades LGBTQIA+, esta possibilidade torna-se restrita. Caso ocorra, será acompanhada de olhares e reações negativas ou violentas, demonstrando que esses grupos são coibidos de manifestações de afetos na maior parte dos espaços públicos.

Logo, o medo nesses locais acabam atravessando a construção das performances de gênero desses corpos (Butler, 2015) em que a partir destes campos discursivos identificamos as territorializações específicas, que designamos como “territorializações do medo”. Neste sentido, podemos abordar o medo como fruto de um mecanismo, um instrumento de dominação (FOUCAULT, 2004, p.125) e estando diretamente relacionado com os mecanismos do biopoder (Foucault, 1998), em que é necessário que esses corpos vivenciem esse sentimento como forma de tentar regular seus comportamentos (como as demonstrações de afeto).

O biopoder investe na dimensão individual dos corpos e prazeres e no corpo-população de um determinado território (Foucault, 1988) em que os “desviantes” da norma de gênero e sexualidade se constituem enquanto “perigosos” ao corpo social, já que estes podem desestabilizar as normativas cisheteronormativa. Desse modo, a morte desses corpos LGBTQIA+ é constitutiva como a vida para outros em defesa de um corpo-social, em que há uma constante legitimidade da violência sobre determinados indivíduos a partir dos discursos LGBTfóbicos.

Com base nas respostas da pesquisa foi possível analisar também questões associadas à construção de múltiplas relações afetivas e estratégias que essas populações constroem e que se manifestam nos deslocamentos e ocupação desses grupos no espaço urbano, configurando nas territorialidades de resistência na cidade.



Ao questionarmos “quais seriam os lugares que os respondentes se sentiam seguros/as na cidade” podemos observar determinadas continuidades nas suas falas, mencionando principalmente a casa dos amigos ou estar na presença dos mesmos, conforme no quadro 2

Respondente A: “casa dos meus amigos e de alguns familiares”  
Justificativa: sei que vão me tratar bem”

Respondente B: “lugares na companhia dos meus amigos e a faculdade”  
Não justificou.

Respondente: C: “com as minhas amigas trava” Justificativa: “elas são a família que tenho”

Respondente D “casa dos meus amigxs e namorada Justificativa “porque me amam “

Respondente E: “coletivos, casa de amigos, saraus lgbt” Justificativa “não ando sozinho estou sempre junto de amigos, eles são como eu então fico a vontade na presença deles”

Respondente F: “Casa de amigos, principalmente” Justificativa: “Aceitação, acolhimento”

Respondente G: “com amigos” Justificativa: “Posso me expressar como realmente sou.”

Respondente H “em locais com amigos “ Justificativa: “Segurança”

Como ficou evidenciado nas narrativas, a partir das práticas cotidianas, as amizades, encontros, coletivos, redes de afeto são também possibilidades de resistência, e muitas vezes responsáveis por potências inventivas de vida. Nesse espaço de compartilhamento da vida, num vínculo de acolhimento, escuta, vivência, essas redes de afetos se constroem e mobilizam grupos que se definem pelas forças de coesão e difusão que tensionam e subvertem as “territorialidades do medo”

Pensar nas relações da comunidade LGBTQIA+ denota a formação de identidades que por momentos se aproximam de experiências que propiciam múltiplos laços de afetividades/solidariedade, às vezes sendo mais fortes que os sanguíneos. Estas redes de amizade representam a formação de coletividades que unem-se para contrapor a opressão cotidiana e reivindicar espaços do viver na cidade. Nesta lógica, o transitar e a performatividade LGBTQIA+ nos diferentes recortes do urbano é uma forma de se impor, se fazer visto e ir contra uma força totalitária que direciona a ordem



e o controle por meio de discursos.

Assim, imbricando o território ao poder podemos compreender o papel da resistência em que Foucault aborda que “que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa (FOUCAULT, 2004, p. 241) que podem reorganizar as localizações táticas das relações instituídas: “onde há poder há resistência e, no entanto esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder. (...) Esses pontos de resistência estão presentes em toda a rede de poder” (Foucault, 1988, p.105-106).

Podemos pensar nas possibilidades de resistência frente ao exercício do poder disciplinar, correspondendo à racionalização dos efeitos que emergem das práticas e exercícios do poder. Em que Foucault aborda que

[...] está certo, nós somos o que vocês dizem, por natureza, perversão ou doença, como quiserem. E, se somos assim, sejamos assim e se vocês quiserem saber o que somos, nós mesmos diremos, melhor que vocês. Toda uma literatura da homossexualidade, muito diferente das narrativas libertinas, aparece no final do século XIX: veja Wilde ou Gide. É a inversão estratégica de uma “mesma” vontade de verdade. (FOUCAULT, 2004, p. 233)

Percebe-se então que Foucault como a resistência contra aquilo que é dito como verdadeiro pelos discursos legitimados em nossa sociedade. Em que a resistência seria como a “inversão” desses discursos hegemônicos, em que o autor não ignora a repressão que pode vir a ocorrer contra estes pontos de resistência, já que o poder é fluido e descentralizado, surge de todos os lugares.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os discursos hegemônicos que compõem o espaço urbano buscam limitar a mobilidade, gestos, afetos da população LGBTQIA+, restringindo o acesso a certos espaços devido ao medo da violência. A “higienização” e a “limpeza” da cidade vão ganhando contornos através da projeção das relações de poder que configuram territórios do medo, os quais limitam o viver na cidade por parte da população LGBTQIA+. Repensar o posicionamento dos diferentes grupos e sujeitos dentro da lógica de (re)produção do espaço urbano é tarefa atual e urgente para a construção de





idades mais justas e democráticas.

Doravante, analisamos no decorrer da pesquisa que existe na cidade de Pelotas/RS a formação de territórios do medo LGBTQIA+, em que podemos compreender que o sentimento de medo acaba alterando as dinâmicas espaciais desses grupos.

Na contracorrente, também podemos observar que o medo não obedece uma linearidade absoluta na qual os sujeitos sejam totalmente tomados pelo medo. Dessa forma, para além das múltiplas territorialidades do medo e da violência observadas na pesquisa, também podemos analisar que são edificados territórios de resistência em que evidencia-se formas de re-existir as normatividades discursivas que violentam seus corpos cotidianamente.

Estes espaços são delimitados principalmente pelas amizades, redes de apoio, parada lgbt, coletivos feministas, “casa de amigas”, “ambientes lgbt”, entre outros, os territórios de resistência através da perspectiva do viver e deslocar-se pela cidade em grupos constroem um sentimento de segurança ao transpor/romper os limites dos territórios do medo. Podemos observar que o deslocamento coletivo, a construção de locais de sociabilidades desses grupos afronta o sentimento de angústia, buscando por formas de resistir as quais possibilitam transitar na cidade. Nesta lógica os trajetos realizados e construídos por essas populações nos diferentes recortes do urbano é uma forma de se impor, se fazer visto e ir contra uma força totalitária que direciona a ordem e o controle por meio de discursos.

Os territórios de resistência surgem como áreas em constante transformação que possibilitam a re-afirmação dessas identidades, diminuindo o sentimento de isolamento e proporcionando identificações mútuas. Logo, estes territórios transbordam a mera convivência, se estabelecendo como áreas de fuga, refúgio, proteção e solidariedade que resistem ao medo e a violência contra a comunidade LGBTQIA+.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. (9a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira. 2015

COMISSÃO INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS (CIDH). (2015).



**Violência contra pessoas lésbicas, gays, bissexuais, trans e intersexo nas Américas.**

Disponível: <http://www.oas.org/pt/cidh/docs/pdf/violenciapessoaslgbti.pdf>

CORREIA, Roberto Lobato. *Trajetórias Geográficas*. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

DORNELLES, Priscila Gomes; POCAHY, Fernando. Um corpo entre o gênero e a sexualidade: notas sobre educação e abjeção. *Instrumento: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora*, v. 12, n. 2, jul./dez. 2010

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 20.ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos. Volume IV. Estratégia, poder saber**. Tradução Inês Autran Dourado Barbosa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006ª

GREGOLIN, M. R. V. **A análise do discurso: conceitos e aplicações**. São Paulo, Alfa, v. 39. p.13-21. 1995.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multi-territorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004

DORNELLES, Priscila Gomes; POCAHY, Fernando. Um corpo entre o gênero e a sexualidade: notas sobre educação e abjeção. *Instrumento: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora*, v. 12, n. 2, jul./dez. 2010

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

MOTT L, MICHELS E. Relatório 2018: **Assassinatos de LGBT no Brasil**. Grupo Gay da Bahia - GGB; 2019. Disponível em:  
<https://grupogaydabahia.com.br/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti/>

POCAHY, Fernando; DORNELLES, Priscila Gomes. Um corpo entre o gênero e a sexualidade: notas sobre educação e abjeção. In: *Instrumento, Juiz de Fora*, vol. 12, n.2, p. 125-135, jul./dez.2010.



XIV ENCONTRO NACIONAL DE  
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM  
**GEOGRAFIA**

EDIÇÃO ONLINE

10 À 15 DE OUTUBRO DE 2021

ISSN: 2175-8875

SOUZA, MARCELO LOPES. Os Conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial.  
Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

ONU – Organização das Nações Unidas. Violência homofóbica e transfóbica. **Livres e Iguais: Nações Unidas pela Igualdade LGBT. 2013.** Disponível em: [https://www.ohchr.org/Documents/Issues/Discrimination/LGBT/FactSheets/UNFEFactSheet\\_Homophobic\\_and\\_transphobic\\_violence\\_PT.pdf](https://www.ohchr.org/Documents/Issues/Discrimination/LGBT/FactSheets/UNFEFactSheet_Homophobic_and_transphobic_violence_PT.pdf). Acesso em: 20 set 2021